

DESCOLAMENTO DE RETINA REGMATOGÊNICO PÓS-TRAUMA, EM CÃO: RELATO DE CASO

Gessica Dal Chiavon¹
Adriane Siqueira da Silva²
Iago Simão³
Jéssyca Guerra⁴
Simone de Fátima Rauber Würfel⁵
Isadora Morais Massa⁶
Tatiane Lusa⁷

INTRODUÇÃO: A retina é uma camada fotossensível, responsável pela transdução, transmitindo sinais luminosos como impulsos nervosos ao cérebro, originando a imagem (SLATTER, 2005). Dividida em neuroretina e Epitélio Pigmentar da Retina (EPR), em decorrência de diferentes causas, a camada que corresponde a neuroretina pode, eventualmente, separar-se do EPR, evento conhecido como descolamento de retina, sendo caracterizados por dois tipos principais como regmatogênico e não regmatogênico (ITOH *et al.*, 2010). Para Gelatt e Wilkie (2011), o Deslocamento Regmatogênico (DR) é o mais comum, ocorrendo por acúmulo de líquido logo abaixo da retina, geralmente causado por um rasgo ou rotura retiniana, a qual pode ser causada pelo deslocamento do vítreo posterior. Vainisi e Wolfer (2004) comentam que no deslocamento não regmatogênico, não há roturas retinianas, podendo ser exsudativo ou tracional. Para diagnóstico, é importante determinar a causa do deslocamento, utilizando-se oftalmoscopia direta ou indireta, tomografia de coerência óptica, ultrassonografia e exames laboratoriais e aferição da pressão arterial sistólica (GALLHOEFER *et al.*, 2013). O tratamento clínico consiste na administração de corticoides tópicos e sistêmicos, além daqueles necessários para tratar sintomatologia que venha a surgir, dependente da gravidade do descolamento, como substitutos de lágrimas e antimicrobianos (GRAHN *et al.*, 2017; SLATTER, 2005). Para Steele, Sisler e Gerding (2012), dentre as opções cirúrgicas se tem a retinopexia com endolaser e vitrectomia via “pars plana”. Geralmente, o prognóstico é reservado, independente da escolha do tratamento, uma vez que nem sempre é possível recuperar o status visual do paciente (PRYOR *et al.*, 2015). **OBJETIVO:** Assim, com esse trabalho objetiva-se relatar um descolamento de retina, regmatogênico pós-trauma, em cão. **METODOLOGIA:** Fora atendido uma fêmea, canino, de 11 anos de idade, que, conforme relato da responsável, há dois anos apresenta catarata, não desejando realizar procedimento cirúrgico para sua remoção. Ao retornar do banho, notou que o olho esquerdo da paciente estava “vermelho”, acreditando que possa ter sofrido algum trauma. Durante o exame oftalmológico, notou-se blefaroespasma, lacrimejamento e hiperemia conjuntival bilateral. Além disso, era possível visualizar catarata hipermetura, em ambos os olhos e hifema em câmara anterior, em olho esquerdo. O reflexo pupilar fotomotor fora positivo em olho direito e negativo, no olho afetado. Diante da impossibilidade de visualização do fundo de olho, dado o hifema, a paciente fora encaminhada para avaliação ultrassonográfica, onde se observou catarata hipermetura em região nuclear, bilateral, presença de sangue em segmento posterior, liquefação vítrea e imagem característica de “asa de gaivota” em câmara vítrea, o que indica descolamento de retina, a qual

¹ Discente do curso de Medicina Veterinária. E-mail: gedalchiavon2014@gmail.com.

² Discente do curso de Medicina Veterinária. E-mail: adrianesiqueira41@gmail.com.

³ Discente do curso de Medicina Veterinária. E-mail: iagocristyan@icloud.com.

⁴ Médica veterinária. Pós-graduanda em Oftalmologia Veterinária. E-mail: jgryl@hotmail.com.

⁵ Médica Veterinária. Docente do curso de Medicina Veterinária. E-mail: simone.vet@uceff.edu.br .

⁶ Médica veterinária. Docente do curso de Medicina Veterinária. E-mail: isadora.vet@uceff.edu.br.

⁷ Médica Veterinária. Docente do curso de Medicina Veterinária. E-mail: ftatiane.vet@uceff.edu.br.

se encontrava presa apenas na ora serrata. Diante do diagnóstico, coletou-se sangue para avaliação do estado clínico geral da paciente, através de exames laboratoriais e também se mensurou a pressão arterial, quando não foram evidenciadas alterações. Prosseguindo, prescreveu-se colírio contendo acetato de prednisolona (uma gota/QID), prednisolona (1mg/kg/SID, VO, durante 10 dias), substituto de lágrima (uma gota/QID). Ao retorno, doze dias após a avaliação inicial, a paciente apresentava melhora do sangramento em câmara posterior, no entanto não fora possível o reposicionamento da retina, em decorrência da alteração da composição do humor vítreo. Manteve-se a instilação do substituto de lágrima (uma gota/QID) e acetato de prednisolona (uma gota, TID, durante uma semana, prosseguindo com instilação BID), até novas recomendações, além de desmame do corticoide, com redução de 50% da dose/semana, durante duas semanas. A responsável fora alertada para o risco de desenvolvimento de glaucoma secundário e da necessidade de avaliações periódicas.

DISCUSSÃO: O descolamento de retina é provocado por tumorações, infecções fúngicas, predisposição genética, elevação da pressão arterial e traumas iatrogênicos ou acidentais (BOWERSOX, 2018; LIMA; LAUS 2016). A lesão retiniana resulta em déficit visual significativo, podendo evoluir para quadros de cegueira permanente, sendo de grande importância seu diagnóstico e tratamento precoce (STROMBERG *et al.*, 2021). As evidências da associação da catarata como um fator predisponente para o descolamento de retina reforçam a importância de realizar o tratamento precoce em pacientes com quadros iniciais de catarata (GELLAT; WILKIE, 2011). No caso dessa paciente, a catarata fora diagnosticada há dois anos, o que resultou em agravos à lesão na retina, juntamente com o possível trauma, possibilitando o descolamento retiniano. Pacientes com quadros avançados de catarata apresentam maior dificuldade de avaliação do fundo da cavidade vítrea, necessitando auxílio de exames complementares na modalidade diagnóstica como a ultrassonografia oftálmica, considerado padrão ouro por alguns autores (WEST *et al.*, 2019), a imagem obtida resultou na característica de “asa de gaivota”, comumente observada em pacientes com esta patologia. Em pacientes apresentando descolamento de retina, tem-se como causa provável, a hipertensão arterial, quando esse é sua consequência mais frequentemente observada em cães e gatos associada à hipertensão, resultando em perda súbita da visão (OLIVEIRA; SILVA, 2016). Ao avaliar a paciente, realizou-se a aferição da pressão arterial, onde não expressou alteração, descartando esta opção como causa base, reforçando a teoria de que a lesão fora ocasionada pelos agravos produzidos pelo processo de catarata que já enfrentava, levando ao enfraquecimento do vítreo que, somado ao recente trauma, promoveu o descolamento da retina. A escolha terapêutica relaciona-se com a manifestação clínica e grau de lesão, associando-se medicação sistêmica com colírios, quando é possível atingir o segmento posterior do olho, em que os corticóides apresentam maior ação benéfica (SANDMEYER; BAUER; GRAHN, 2016). Neste relato, a paciente foi submetida à terapia tópica e sistêmica, com o uso de corticóide associado ao substituto de lágrimas, objetivando reduzir os sinais clínicos apresentados e na tentativa de reposicionar a retina, pela redução da inflamação. A condição aguda desse quadro, limitou as alternativas terapêuticas, onde mesmo após a adesão ao tratamento, com diminuição do edema e hemorragia observados inicialmente, não foi possível o reposicionamento retiniano por alterações em vítreo, quando não se conseguiu o restabelecimento da visão, embora a paciente se mantenha bem e sem sinais inflamatórios.

CONCLUSÃO: Diante das afecções apresentadas pela paciente e, embora não sendo possível o reposicionamento da retina em sua posição anatômica, concluiu-se que o tratamento instituído promoveu sua melhora clínica, no entanto é necessário seu acompanhamento periódico, em virtude da possibilidade do desenvolvimento de outras alterações oftalmológicas.

REFERÊNCIAS

BOWERSOX, J. Retinal detachment. **American College of Veterinary Ophthalmologists**, 2018.. Disponível em: <https://www.acvo.org/common-conditions-1/2018/2/2/retinal-detachment>. Acesso em: 30 ago. 2022.

GALLHOEFER, N.S. *et al.* Comparison of ultrasonography and histologic examination for identification of ocular diseases of animals: 113 cases (2000-2010). **Journal of the American Veterinary Medicine Association**, v. 243, n. 3, p. 376- 388, 2013

GELATT, K.N.; WILKIE, D.A. Surgical procedures of the lens and cataract. **Veterinary Ophthalmic Surgery**, 2011. Disponível em: <https://veteriankey.com/surgical-procedures-of-the-lens-and-cataract/>. Acesso em: 23 ago. 2022

GRAHN B.H.; OSINCHUK S. Diagnostic Ophthalmology. **The Canadian Veterinary Journal**. v.58. n.11. 1227-1228p. 2017.

ITOH, Y. *et al.* Investigation of fellow eye of unilateral retinal detachment in ShihTzu. **Veterinary Ophthalmology**, v. 13, n. 5, p. 289-293, 2010.

LIMA, T.B.; LAUS, J.L. Effect of an intravitreal dexamethasone device on ocular inflammation after phacoemulsification in dogs. **Ciência Rural**. v. 46, n. 12, 2216-2222p. 2016.

OLIVEIRA, G.H.P.; SILVA, A.M. **Eficácia dos métodos de diagnóstico e tratamento no deslocamento de retina em cães: revisão sistemática**. 2016. Araçatuba. Unesp – Universidade Estadual Paulista, Campus Araçatuba. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/156835/000902504.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 31 ago. 2022.

PRYOR, S.G. *et al.* Retinal detachment postphacoemulsification in Bichon Frises: a retrospective study of 54 dogs. **Veterinary Ophthalmology**, 2015.

SANDMEYER, L.S.; BAUER, B.S.; GRAHN, B.H. Diagnostic Ophthalmology. **The Canadian Veterinary Journal**. v.57, n.9, 995-7p. 2016.

SLATTER, D.H. **Fundamentos de oftalmologia veterinária**. São Paulo: Roca, 2005. 712 p.

STEELE, K.A.; SISLER, S.; GERDING, P.A. Outcome of retinal reattachment surgery in dogs: a retrospective study of 145 cases. **Veterinary Ophthalmology**, v. 15. n.2, p. 35-40, 2012.

STROMBERG, S. J. *et al.* Clinical features and MRI characteristics of retinal detachment in dogs and cats. **Veterinary Radiology & Ultrasound**. v.62. n.6. 666-673p. 2021.

VAINISI, S. J.; WOLFER, J. C. Canine retinal surgery. **Veterinary Ophthalmology**, v. 7. n.5. 291-306p. 2004.

WEST, M.C. *et al.* Evaluation of vitreous degeneration as a potential risk factor for retinal detachment after phacoemulsification in dogs. **Veterinary Ophthalmology**. v.23. n.4. 721-729p. 2020.